

José Luís Simões da Fonseca

O SOL NASCE A POENTE

LISBOA 2009

A José Maria dos Reis Pereira

In Memoriam

**Senhor, não somos nós que nos vendemos
São as Vossas ovelhas**

INDICE

Canções de Cambridge, Mass.	4
Canções de Câmara	21
Canções de Marvão	42
Canções para a Morte	53
Poemas Mínimas	68

CANÇÕES DE CAMBRIDGE, MASS.

I

Duvido. Devidamente.

Duvido da dúvida.

Devidamente.

Ou como continuar a ser

o que só, sem dúvida,

será negar para se duvidar que é dúvida.

A negação da negação

é a negação da dúvida.

É a não dúvida,

a certeza da dúvida

em que só não se duvida da dúvida.

Mas se tudo é certeza da dúvida,

duvidar disso perde o sentido.

Sem dúvida.

II

Porquê paixão se extingue?

És cúmplice do passado?

Só Deus é incansável.

Vou ler o manual de mim: Deve haver boas maneiras.

Para não continuar assim. Por isso

Aceita a voz do nosso amor

Eternamente morto.

Não creio neste ser agora

O cansaço invade-me

É provável que esteja confuso.

Nunca antes.

Recuso a minha entrega

Assim talvez nunca seja condenado.

III

Noite,

vi-te escura na Massachusetts Avenue

O rio Charles corre negro ao lado de Boston.

Para os mais conservadores Poe não passava de um bêbedo

Assim negavam o seu génio inegável.

Nasce o dia.

Atravesso o campus de Harvard. Chego a Harvard square

Os vendedores oferecem-me droga. Finjo não perceber.

Deixo os esquilos para trás

Chego à cooperativa e entro no cinema.

Elizabeth Taylor e Richard Burton brigam

incitados pela audiência de estudantes

Estou a ver “Quem tem medo de Virgínia Wolf”.

Subo à tabacaria. Não há tabaco cubano.

Vou fumar Schimmel Pening.

Ligo o motor da minha station Ford. E parto velozmente.

Ao meu lado esquerdo Walter Gropius trabalha no seu atelier.

O rio Charles nunca para de correr

As folhas das árvores agora são vermelhas, amarelas ou azuis.

Para trás ficou o Instrumentation Laboratório

E o comando dos mísseis por inércia.

Não me atrevo a falar.

O ouvido do inimigo está em toda a parte.

À entrada da Universidade está um recepcionista

com um revólver carregado sobre a mesa.

Digo-lhe o que quero, ele chama um membro da equipa

Põem-me um crachat e atravesso os corredores acompanhado.

Salas e salas vazias com estiradores cheios de desenhos.

O meu destino é o planeta Marte

Mas com tantas precauções prefiro nem ir à casa de banho.

O rio Charles corre negro

Seitz chega a Lisboa.
Vai a caminho do Biafra passando pela Guiné.
Pitts e Letvin criaram um comité para estudar gases de guerra.
Agora, Seitz vai experimentá-los às escondidas
Na guerra entre o Biafra e a Nigéria
Na Arrábida está-se em paz
E eu quero fazer fotografia submarina
Levo-o na minha embarcação
Mas o mar ao redor da pedra da Anicha está negro
Nada a fazer
Agora o rio Charles
Corre límpido, transparente

IV

Tiros de metralhadora na Baixa de Boston
Luta-se pela supremacia do gang e pelo seu ganho
Bons ladrões sempre vão dando
uma percentagem do seu ganho à polícia.
Se te roubam o carro
Telefonam-te da polícia e propõem:
- Encontrámos o seu automóvel.
Se o quiser reaver basta dar-nos quinhentos dólares
Para compensar o informador.
Esta é uma democracia
Em que não falta a liberdade
Para os fortes esmagarem os fracos.

V

Vou para a África do Sul

Agora já não há discriminação racial

Ou melhor, a única discriminação que existe

É a dos brancos serem donos de tudo

E os negros de nada.

Afinal Robert Mugabo do Zimbabué

Tinha razão em expulsar os brancos

Para os salões de Londres e de Nova York.

VI

O que vale é que agora há brancas

Que gostam de panteras negras.

Para elas há além disso o prazer masoquista

De sentirem que os outros as julgam degradadas.

Houve o assassinato de Martin Luther King.

Houve o assassinato de Malcolm X.

A reprovação geral por esses crimes

Era a má consciência daqueles

Que deixaram o prédio onde viviam

Logo que souberam

que havia um negro num dos apartamentos.

Se vou ao restaurante

À porta está escrito:

Nem negros nem cães.

Resta-nos entanto saber

Que é num hotel de Harlém

que se hospeda Fidel de Castro

Quando vai à assembleia das Nações Unidas

Em New York

Resultado, pego na minha arma
Lanço fogo ao telhado do prédio vizinho
E chamo os bombeiros.
Quando chegam com a sua sirene estridente
Entretenho-me a acompanhá-los no seu trabalho
Disparando contra eles.
Não há muita diferença
Entre os bandos de gangsters
E o bando da polícia que procura manter a ordem.

VII

Palavras saem da minha esferográfica
Entram na arena
E logo são mortas por outras palavras
Recolho-as já sem vida como um burocrata do sonho.
Por onde vou todas estas vítimas são de natureza imaterial
Como corpos mortos, só atingem o que significam
como vítimas das restantes
Destruindo-as, estas, se destroem,
se tornam significado na mente de quem as lê
E, privadamente ressuscita,
Restituindo-lhes a sua alma ao incorporá-la na sua própria.

VIII

Passo as minhas manhãs

Num monólogo competitivo.

As tardes ou as noites ou os dias

São num sofá de pele lisa brilhante como água

Onde se espelham sonhos

Que nunca sonharei vivos.

IX

Quero ouvir Roman Jakobson.

O meu chefe telefona-lhe. Recebe-me logo.

Pergunta-me

: -Tenho aqui um soneto de Camões para uma conferência no Brasil organizada pela Câmara. Acha bem?

- É magnífico. Mas para si, que é um linguista estruturalista, posso fazer-lhe uma outra sugestão:

-Use um poema de Fernando Pessoa que vive da sintaxe.

- Sabe poemas dele, de cor?

Recito sucessivos poemas de Ricardo Reis. Digo que lhe mando as obras.

- Não, tenho tudo na Biblioteca.

Despedimo-nos.

No final de 1968, a revista Langage publicava o seu famoso artigo sobre Pessoa.

X

Primeiro caí numa BMW 500.
Depois centenas de carros
Passaram por cima do meu cadáver.
Estava eu bem morto e sossegado
E todos aqueles pneus a importunarem-me.
Ninguém parava
Eu não pedia socorro, não fossem pensar
Que era uma armadilha.
Foi tudo o que tive para declarar à reportagem da TV
que veio para testemunhar a minha morte
repetida e bem confirmada.
Chama-se a isto, morrer na América.

XI

Tudo o que disser vai ser gravado.
Tome isto como certo.
O ouvido do inimigo está em toda a parte.
Tome cuidado com a cientista russa
E não a convença a fugir para os Estados Unidos,
Se não gosta de mulheres
Que bebem coca-cola e mascam chicletes.

XII

Na Nova Inglaterra,
Um muro que caia com o vento e cause mortes,
É ele próprio condenado à morte.
É deodandum, e destruído.
É uma boa solução para os acidentes mortais
Nas estradas do país.
Nos desastres mortais
Condenam-se os automóveis
E o mesmo seria o destino
Dos computadores dos ministros,
Na parede dos edifícios em construção
E o papel do Diário da República.
Acabemos com a impunidade,
De tudo o que comete crimes neste país.
Absolvam-se os autores,
Condenem-se os agentes.

XIII

Pobreza facilita a selecção natural e a sobrevivência dos mais aptos.

Um índio do Amazonas foi contratado e agora trabalha num hotel
construído na copa duma árvore gigantesca.

- Nas horas livres sou figurante, num aldeamento, para os turistas verem.

Depois tomo o meu carro, vou para minha casa em Manaus
e ligo o micro-ondas.

Não me deixaram ter terra semeada

Esses benfeitores quiseram impedir de me arruinar.

Nas prateleiras do supermercado, há tudo mais barato.

O meu salário de comediante garante a minha sobrevivência
no labirinto de corredores, entre essas prateleiras
da selva da cidade de Manaus.

XIV

Talvez me ames. Talvez.

Ou talvez eu seja talvez.

Talvez sim me, talvez,

Me ames talvez para sempre.

Talvez.

É talvez sempre, o significado.

Talvez é o significado de sempre.

Talvez assim possa continuar, talvez.

Como numa batalha que possa não perder.

Talvez para sempre

Talvez.

XV

Passo pela ponte de Mystic
E desço rampa abaixo até Chelsea.
Duas estradas se cruzam
Por baixo da minha ponte.
Chego ao aeroporto de Logan, e estou em 1948.
Embarco num skymaster, levanto voo
E logo cai no mar.
Todos sobrevivemos
Nado até chegar a terra
e dirijo-me à sala de embarque.
Vou embarcar no avião seguinte.
Em Boston, passado é o futuro do passado.
É assim que se conjuga o verbo viver.

XVI

Durante a duração daquilo que dura o poder
Durante a não eternidade do Porto velho
Tiro o velho como dum conto de vigário
E fica durável, plastificada como bonecos na TV
Durante os segundos que dura o strip da publicidade
Que dura o que dura e torna o velho com frio
Começam as pressões que duram o que duram
Durante um dourado durante.
A duração decorrida destrambelhadamente
Irá durar para sempre
Durará duradouramente
Na memória duradoira
Que dura como tudo o que dura,
E é duro que perdure.

XVII

Ligo o computador.
Sim, não pares agora, por favor
Sim, disse ela. Ela disse sim.
Sim, sim. Ele fazia sim.
Fazia o plano sim do amor.
Sim e sim. Assim, sim. Acabar assim.
Sim. Acabar por se acabar.
Se o sim fosse não, sim mudava sim
Não acreditava no abraço
entalado assim na meia-luz de um sim
sem sim
Sim na penumbra da discoteca
Num lugar, num sim sim
Só com um abraço, um sim.
Abraço-a ternamente, assim só com sim.
Sim, sim
Assim, sim.

XVIII

Tu não és tu
Eu não sou eu
Desta ambiguidade
nasce um novo contigo
que permite entendermo-nos
um ao outro
como um mal entendido criativo.

XIX

Vejo-te entrar na cápsula espacial
Estás elegante e vaidosa no teu traje de astronauta
Sentas-te, cinges o cinto de segurança
Afinal é simples. Basta carregar no botão
E fico livre de ti
Afasto-me satisfeito.
Missão cumprida

XX

Melhor ou pior
Os projectos da nossa vida vão-se cumprindo
Quero dizer, os tempos vão sendo roubados
Até ao limite do prazo possível.
Uma enorme frustração
resulta dos desaires e das limitações pessoais
Um labirinto aparece à minha frente
Não consigo decifrá-lo
Ah sim! Agora reparo que és tu.

XXI

Belo tempo
Em que Eça se hospedava no Grémio Literário.
Abro o manual que me ofereceste
E fico a saber como te devo operar.
Sahra Benhard olha-me nua
Do alto do seu quadro, na biblioteca.
Foi assim que aprendi a representar
No Grémio Literário.

XXII

Olho para a mancha de cor
Que para mim são o Charles River e esta margem.
A brisa bate na minha face com um aroma mediterrânico
Que resulta por uma paixão de navegar
Em águas turvas.

XXIII

Wiener
completou o curso de liceu com a mesma idade que Freud.
Tinha oito anos.
Aos doze, estava licenciado e doutorou-se aos dezasseis.
Aos setenta, ia ouvir as conferências para a primeira fila.
Com a idade, adormecia.
Quando alguém se enganava, acordava e dizia:
-O que disse, está errado.
É isso que eu penso
Quando oiço as tuas declarações de amor por mim.
É assim que me despertas dos meus sonhos.

XXIV

Tira-se um fio
E o tecido continua a estar lá
Tira-se outro
E o tecido continua sem mudar
Como um holograma.
O todo está em tudo o que resta.
É por isso que a minha paixão resiste
Aos fios que lhe arrancas.
No amor, as mudanças não são graduais.
Como na política, só uma revolução
Traz o novo amor.

XXV

Hoje comi em Harvard Square, a essência duma costeleta
Neuropsicológica
É isto que me faz lembrar
A doçura dum beijo nos teus ombros.
Digo-te: Se não me trazes mais comida, depressa,
Vou ter que comer-te.
Perplexo, vejo-te sorrir satisfeita.
Ah, sim. Afinal em inglês é o mesmo.

XXVI

O carro tem o aquecimento avariado.
Estão dezasseis graus abaixo de zero. Uno os pés no ar.
Não suporto o frio que entra pelas solas dos sapatos.
Mais que de frio, eu sofro de abandono.
Quero voar. Quero que a minha amiga mais querida
Me ensine a voar.
Não creio que volte a querer pôr os meus pés neste chão.
Abro a garrafa de whisky de cem anos
Com que me pagaram pela conferência que dei na Mac Gill,
Para não me descontarem dinheiro nos impostos.
De súbito, tudo é doce e suave para mim.

XXVII

À medida que os sentidos externos vão enfraquecendo
O divino vai substituindo a natureza humana.
Como diz Newton no prefácio
dos Principia Mathematica Philosophiae Naturalis,
Deus na sua onnipotência, sabe tudo através da percepção.
Nós, humanos, temos que reconstruir o conhecimento
Usando a inteligência.
Como poderei jamais entender-te
Se o teu corpo é para mim, apenas carnal?
Só Deus está à tua altura.

XXVIII

Vou à Cooperativa do MIT.
Abro um livro sobre códigos com ruído.
Olho estes exemplos
pois um problema é igual a um outro
e ainda há um que estou a resolver.
A solução está à vista. Resolveu-se um problema.
Minsky vem ouvir-me. Fica deprimido.
Um problema a menos...
Diz ele.

XXIX

Em Comodore, no Massachussets
Há inscrições em pedra
Iguais às que se encontram em Beja e no Cachão,
Ainda por decifrar.
A América A.C. passou pelo Alentejo
E por Trás-os-Montes
Por isso somos tão diferentes.
Tão diferentes, como as montanhas são das planícies.
Mas apenas das planícies.

XXX

No meu descanso, vejo que o cachimbo
Se transformou em charuto a arder.
É então que olho para ti
E perplexo, olhando para a cor crioula da tua pele,
Descubro que estou em La Habana.
Cuba é o lugar onde quero viver o meu paraíso
Quando morrer

CANÇÕES DE CÂMARA

XXXI

Sabemo-nos bem
Por isso conhecemos
a ignorância
daquilo que somos

XXXII

É a nossa condição
de nada ser,
tudo o que é nosso

XXXIII

Explico-me a mim mesmo
Só assim se compreende
porque não me compreendo

XXXIV

Sigo o meu caminho solitário
Ninguém me quer por companhia
Será amor-próprio o que me faz
cantar só para mim?
Ou apenas desespero, por não te ter,
desespero por não te ter amor?
Canção
Sê pragmática como qualquer rapariga
que canta só para que te ouçam.
A tua actividade predatória
metamorfoseia-te em amor
para seres ouvida como terna,
Não é verdade, canção?

XXXV

Se tivesse que falar contigo, como poderia?

Acredito-me.

XXXVI

Ser ou não ser

Ter ou não ter

Morrer ou não morrer

XXXVII

Perscrutando a memória

de norte a sul.

Quando a julgo inútil

levanta-se terrível

para mim mesmo

XXXVIII

No meu espelho

o presente representa-se-me

num passado sem memória.

Em que mistérios estará envolvido

o meu presente sempre passado?

O tempo desintegra-se-me

como em cegas sombras

da árvore viva que nunca vejo.

Só o futuro,

por julgado presente num tribunal,

foi considerado culpado de não existir.

XXXIX

Uma beleza sobrenatural
se evola das flores do teu corpo,
das flores que nascem do teu espírito
e moram onde velo com o desejo
e adoro como num templo.

XL

Hoje deu-me para fazer confidências
Por isso eu conto tudo
o que já souberes
Aprendi que não é necessário mentir-te.
Basta falar verdade te
Porque nunca acreditas em mim.

XLI

Encho-me de ansiedade
Nada resta
Tudo se apaga.
Só Deus passa
Tudo fica improvável e possível
como para olhos que não vêem.

XLII

Agora assim.
Alegam a ilegibilidade daquilo que escrevo
A minha cólera tornou-se mansa
Como o agridoce de um pato
numa travessa
de restaurante chinês.

XLIII

Retiro-me para dentro de mim
A música é a minha companhia.
Gosto dela porque a vejo.
Como uma paisagem que não se olha
ao volante de um carro no máximo da velocidade.

XLIV

Assisto-me como a um estranho
quando dou a aula e falo.
Da minha mente brotam
as palavras de outros.
Como um fato velho de que me visto
por mo terem dado e não ter outro.

XLV

Forjaram-me um empecilho.
Para ele eu sou
pesada herança de peso político
proprietário de um barco à vela
engenheiro aeronáutico
importador de helicópteros
piloto de planadores
banqueiro e consumista,
gestor de cóleras e tristezas
confidente, conselheiro
pré licenciado em engenharia.
Chefe de família, médico, irmão
Nasceu-me um filho.

XLVI

Amo-te muito

Quero-te tanto

Por isso não me caso contigo

Quero conservar-me

Infel a mim próprio

XLVII

A bem que nos é dado

Não se olha o dente

XLVIII

Não há bem que sempre dure

Mas há mal que nunca acaba

XLIX

Por muito madrugar, disse Demócrito,

O Sol amanhece mais tarde

L

Sim, o hábito faz o monge, disse ela

E despiu-se para deixar o convento

LI

Estava a dizer

Que o hábito não faz o monge

Por isso foi ao altar e não se casou

LII

Penso que Deus efectivamente não é material
Ele é a relação que une tudo o que é vida
a Natureza e a substância inanimada
É isso que diz o livro do Génesis:
No princípio era o logus
E o logus estava no princípio.
No devir do ser se inscreve
A deliciosa transformação
de ti em ti mesma.
Doce corpo e suave prazer
Que por sonhado não termina.
Sombra irreal do que não existe.

LIII

Desço a escada da minha memória
No subterrâneo imundo
Só encontro sub mundos
Instantes em que afasto a mente
Do que ela não quer relembrar
Nem como pálido fantasma
Dos poucos instantes
Em que fui feliz quando amei.
E o desamor é agora
A luz negra
Que obscurece
O meu passado agitado
Como um filho não desejado
Que não se quisesse ver
Apesar de provindo do mesmo amor.

LIV

Há muito tempo
Que venho de longe, escutando-me
Onde me encontro?
Porque escrevo?
Será que a própria morte
Nas minhas linhas se esconde impaciente
Ou de mim se afasta, decepcionada
Mas não se despedindo para sempre?
Não sei ao certo
Aceita estes versos
Como imagem que de mim perdura
Sem Sol, nem luz nem sombra
Só memórias
E um desejo consumado

LV

Dá-me o teu sonho
Empresta-me por um momento
Os teus gestos gentis
A tua graça cobre-te de perfume
Nem as rosas nem os cravos
Coroam a tua face
Para sempre não seremos nós
Felizmente não o sabes.

LVI

Caminho descalço.

A levitação vai aliviando as dores das muitas feridas.

Erguemo-nos e voamos numa dança nupcial

Num encontro de nós próprios.

Escondemo-nos dos olhos dos outros

Numa nuvem escura,

Que não pode agredir-nos

Porque fazemos parte dela própria,

E que não tarda em desfazer-se em chuva

Talvez em neve.

LVII

No alto do monte

Dos cumes voo duns para os outros

Súbito por momentos

Entro no buraco negro

As noites por descansar e os seus pesadelos

São agora os meus sonhos, a voz das flores.

Mas a morte já morou

Na nossa cama de dossel

Ao sofrermos o não luto

Do não ser inevitável.

LVIII

Condenas-me e foges comigo
Num casamento que me infelizas
Eu próprio me inflijo te de nada.
Regresso-me à minha condição
Sem esperança de paz ou felicidade

LIX

No cimo do mar balouçam as ondas
Haverá também ondas no fundo do mar
Como no mais íntimo do nosso amor?
Haverá agitação, oculta na memória
Que parece tranquila como uma vaga do fundo
Uma emoção, que não transparece na face do mar?

LX

Muita escrita
Muita memória
Do que foi
Ou não foi
Ou já não foi
Nem será nunca

LXI

Não sei se escreva ou diga
A verdadeira mentira que se oculta
por detrás dos nossos olhos.
O sorriso do amor
traz consigo a tristeza de um desamor consumado
Que em memórias futuras será revelado
Ao contrário do que seria o seu retrato
Em que do negativo escuro
Só se poderia ver o positivo.

LXII

Dá-me a tua mão.
De mão dada
distantes, calados,
por insatisfeitos de não nos confundirmos
num só corpo
enfrentamos o esforço
de nos não amarmos

LXIII

Porquê não te lembrar
se não posso evitar que estejas ainda
nas veias do meu corpo
onde o sangue corrompido pela tua memória
te leva ao meu cérebro novamente?

LXIV

Neste meu sofrimento inútil
não sou digno de ti
Mas entra na minha casa
e a minha alma será salva

LXV

Faz o Inverno tornar-se Verão
mesmo que o Outono espreite
ocultando um amor já passado.
O vento, mesmo o mais veloz,
não mudaria o céu azul do nosso desejo.
Mas na quietude do ar, a sombra pacífica
das nuvens que não passam
poderia extinguir-se,
sendo presente
mas já inútil passado.

LXVI

Da cidade as casas descem até ao mar.
O nosso amor é o valor estimável
que nos põe onde tudo começa.
Lugar entre a realidade e o sonho
Casa erguida sem fundações

LXVII

Porque haveria de ignorar o destino certo?
A perfeição corrompe a própria perfeição
Com a repetição esmorece a paixão
Para quê escutar-te?

LXVIII

Dos astros chega a nós o brilho
Mas a luz dos teus olhos não nos ilumina
Apenas atraí um novo olhar e me seduz
Como a serpente encanta a ave
E lhe dá prazer antes de a devorar

LXIX

Para quê mentir
Se mentir é uma verdade negada?
Porque por fim o não ser
É a vigorosa afirmação do ser?
Porque a negação nada mais é
Que a afirmação de outra proposição
Que se toma como diferente
Mas sempre possível.
A transformação completa
No próprio ser que se nega

LXX

Se o teu gesto acontecesse coisas
Sem lhes tocares
Então dos teus olhos correriam rios,
Dos teus olhos, noites azuis de luas
Tempestades, do teu sobrolho carregado
Perfídias da tua boca fechada.

LXXI

No galope de cavalo das tuas pernas delgadas,
Dantes acrobáticas quando cediam à tua paixão,
Nasceu-me um filho quando olhei para ti.

LXXII

Ceguei tarde de mais até mim
Disse-me o funcionário amável.
O transporte para o caminho possível
Já tinha partido
Mas nada de valor eu perdi
Afinal de uma proposição
Nenhuma conclusão se pode tirar
A não ser o prazer, a alegria de ser verdade,
A única âncora que me prende
E a que sei dar valor.

LXXIII

Não vejo
Mas os sons ardem sumptuosamente na minha casa
Mais do que na lareira dos reis de Espanha em Aranjuez
Ou nos maravilhosos jardins de Granada.
Canção,
Vai por mim cantar
Enquanto eu escrevo em silêncio
E os meus olhos descansam
No vale de Pampaneira e de Panameira
Então, eu descerei a serra Nevada
Na tua motocicleta de 500cc, no assento de trás
Com a minha vida segura pela tua cintura

LXXIV

O casamento entre homossexuais do mesmo sexo
Vai ser promovido
Assim diminui a pressão demográfica
Vai diminuir a necessidade
De criar novos empregos
Ou mesmo de criar velhos empregos

LXXV

Custa-me acreditar
Que haja quem não queira dar
Respeito ao amor
Seja ele qual for

LXXVI

A dignidade é necessária e possível
Mas será legítimo o direito
De querer ter o preconceito
De rejeitar o amor heterossexual?

LXXVII

As pessoas não dão por isso
Mas o meu país está a morrer.
Está a tornar-se invisível.
Aos políticos já não pertence resolver problemas
O político só serve para fazer política, os eleitores
que os resolvam.
Só resta o conhecimento
Com olhos postos na sobrevivência necessária
Necessária para deixar de não existir.
Virá a violência
que tornará lixo o que já é obsoleto,
Numa então suja justiça final,
Com a verdade como última crueldade.

LXXVIII

Certo

é tudo não ser certo

Mas num caso certo

Não é certo, decerto

Certo o amor, certo o cansaço, certo o desespero

Certa a bondade e a conta do fim do mês

Certa a conta de somar e de multiplicar.

Certo é que Portugal e o Benfica perderam.

Certo é esquecermo-nos do que é certo.

Certo é ter e deixar de ter.

Certa é a ignorância dos políticos

E o esquecimento dos banqueiros.

Certo o desejo, certa a frustração do desejo.

Certo é viver e deixar de viver.

Certo é chegar o barco

Que não nos leva para sítio algum,

Sim, certo é não partir.

Certo é não te ter de volta

Certo é, tenha paciência.

Certo é que tu me amas ou não me amas

Certo é que me queres ou não me queres.

Certo é que gosto da Maria, da Helena e da Joana

Certo é que não sei qual mais me engana

Certo é que quem mente não me engana.

LXXIX

Platão não é. Não é não.

Aristóteles não é. Não é não.

Demócrito não é. Epicuro não é.

Pitágoras não é. Epíteto também não.

Sêneca não é. Bacon não é.

Descartes não é, não.

São Tomé e Santo Agostinho não são.

Espinosa não era. Kant não era.

Leibniz decerto não é. Nietzsche não será.

Newton não é. Russell e Whithed também não são.

Fichte e Hegel não serão.

Comte e Bergson também não.

Wittgenstein não é. Marx e Engels não eram.

Lenine não era. Pierce não era.

Heidegger não era.

Sartre e Simone de Beauvoir também não.

Ricoeur não era. Delueze também não.

Sócrates não é.

Não, não, Sócrates é.

É, é.

Estou convencido que é.

LXXX

Messines não produz nada.
O campo à sua volta
Move tanta água e tudo seca.
Os ecologistas podem dormir descansados.
Aqui nada cresce ou vive.
A prova disso, são os tesouros
que os arqueólogos têm que desenterrar.
Não há uma selva que tudo devore
Mas a mesma terra devora a terra
Como Saturno, os próprios filhos.

LXXXI

Corro atrás de ti e tu foges
com a certeza de que te desejo
Mas o teu desejo por mim
é só esperança
que se desvanecerá,
no apagar da tua lembrança
de mim distante.

LXXXII

Queria que cantasses a mesma canção
Mas como lembrar-te daqui
que eu próprio não sei.
E só em ti encontro memórias minhas
que só a ti pertencem
Para sempre incomunicável,
na diferença que nos une
como abismo invisível.

LXXXIII

Só tu e eu

Só eu e tu

Só eu e nós

Só tu, eu e ela

Finalmente somos um casal

Somos um casal

LXXXIV

Hoje o dia amanheceu alegre

Beethoven ensinou aos campos, à natureza

o que é a Primavera.

Nada voltará a ser como antes.

Nada mudou para mim.

Por muito sofrer que tenha,

para alguns é Primavera.

LXXXV

Amor é coisa caseira

Convive com electrodomésticos

E vai ao supermercado.

Passeia ao domingo no shopping

Nunca toma uma bebida quando se cansa

Mas sofre-se sempre quando acaba

Por nos deixar sós.

Apesar de ser coisa caseira.

LXXXVI

Como é possível, eu estar tão só?
Como é possível? Como?
Apodera-se de mim uma raiva cega. Sim cega
Certo nada, tudo, sempre.
Nunca talvez
E inúmeras vezes, é quase nada.
Quero que mude. Quero que mudemos
Silêncios certos, cegos de alegria feroz
Só sentir a mudança
Mas nunca, nunca estar contente contudo
Com muito querer que não seja
O que evidentemente é, mas quem sabe
Talvez o medo nasça, cresça e perdure

LXXXVII

Um macho muda a fêmea em mulher
É um ser e não ser que gera um novo ser
Só igual a si mesmo.
Tudo mais é acidente casual

LXXXVIII

São quatro da manhã
São quatro da tarde
Sempre igual
como a música que oiço
parada no tempo.

LXXXIX

Junto de ti

As minhas palavras vibram alegres no ar

E troçam de ti quando te zangas e amas

Elas beijam os teus olhos e os teus ouvidos,

O teu pescoço e os teus seios

E cravam os dentes na tua nuca,

Palpam as tuas coxas e o teu ventre.

Se elas falassem de amor

Sentir-me-ia ameaçado

Pela rivalidade dum irmão gémeo

Ou talvez até por mim mesmo.

Falando de mim, elas despem-me para ti

Até ficar nu

Porque não possuir-te mesmo vestida...

As minhas palavras ajudam os teus olhos a despir-me

Porque esperas que a lua brilhe no céu escuro

do teto do teu quarto?

Ouve, tristeza

Algum dia estas palavras foram suas.

CANÇÕES DE MARVÃO

XC

Tu, nada dizes, canção
Não escarneças dele, canção
Volta-te de costas para que não se pense
Que estás a falar dele, a querer comunicar
Não te rias do fato de treino e da sua triste maneira
De quem sempre quis ser ministro
Sem saber para o que ia
Sem sequer entender que não seria o mesmo
Que ser sócio de um supermercado

Explica-lhe tudo, canção,
As vezes necessárias para que perceba
E faz isso na televisão
Para que percebam também.
E finalmente lembra-os
Como devem dar-lhe uma moção de confiança.

Sem pressa nem retórica
Dá-lhe o beijo de Judas, canção
Deixa-a sonhar que a uso no meu coração
Que finalmente depois de tantas mentiras
Só terá o que merece.
Crema-o, canção
E dispersa as suas cinzas
Para que não possa renascer com um novo ano.
Como um cego
Só te resta para cantar
Uma voz pura

XCI

Para acabar com a campanha negra
E moderar as críticas
O governo está a estudar
Um novo imposto, a TPFV,
A Taxa Por Falar Verdade,
Não cumprindo mais uma vez
A promessa de baixar os impostos

XCII

Canta a miséria, a guerra e a morte
Afinal, canção, os antivírus
Ainda não apaziguaram a cólera da Natureza
Os democratas calaram a contestação
Com veículos blindados de quatro rodas

XCIII

A crise do petróleo
Ri-te dela comigo, canção
Cessa de indagar quem teve a ideia
De usar mendigos disfarçados
Para aumentar os lucros
E apanhando a Polícia distraída,
Depositou tudo no seu Banco

XCIV

Hoje, terça-feira de Carnaval, Rui Sócrates foi a Alcochete.
Mas ninguém o reconheceu Primeiro-Ministro.
Só a visão do seu nariz
Deu notícia da sua presença, nesse lugar.
Julga-se por isso
Que irá submeter-se a uma cirurgia plástica
Porque vendo-o com um nariz normal
Os eleitores não o reconhecerão e pensarão
Que não foi Primeiro-Ministro
Assim podem votar nele.

XCV

O Ministro da Doença
Conseguiu dismantelar os serviços de urgência
E encerrar as maternidades.
Existe um acordo geral acerca da vantagem
de dar à luz no campo ou morrer ao ar livre
ou mesmo numa ambulância.

XCVI

A decisão está tomada.
Mesmo com a oposição de Alberto João
O offshore da Madeira vai ser ocupado pela Marinha
E transformado em colónia penal para banqueiros.

XCVII

Comprei o Avante e fui lê-lo para o bar.
Os forcados de barrete pegaram fogo ao jornal
E à minha gabardina
Não distinguem
entre um comunista e um homem que está a ler o Avante
Não alcançam a liberdade necessária
Para ter liberdade.

XCVIII

As raparigas portuguesas
vão ser submetidas a um programa do ensino de Matemática.
Os rapazes, para poderem namorá-las,
Terão pelo menos que saber tudo o que elas souberem
E para poderem abraçá-las entre parênteses
Disse Lisistrata.

XCIX

Soube-se que o santuário de Fátima entrou em crise.
Os fiéis desempregados preferem trabalhar, não rezar.
O futebol, esse pelo contrário, não entrou em crise.
Está a ser planeado um torneio
que incluirá o santuário de Fátima
o santuário de Lourdes
E o santuário da Senhora do Caravaggio.

C

O governo central de Espanha

Recusou a integração de Portugal nas autonomias.

De Portugal, nem bom vento nem bom casamento,

Disse Zapatero.

CI

Alegrias não pagam dívidas, Manuel

Disse irritado o secretário.

CII

Não, não foi por dinheiro

O que eu queria

Era obter os favores da rainha.

Estes nativos estragaram tudo.

Vou enviar o meu filho a Alcochete

Para vigiar se estão a dar de comer aos meus cavalos

disse a rainha.

CIII

Ah, que grande porcaria!

Disse Hércules, ao limpar a estrebaria de Augias.

Até os porcos do Montijo se portam melhor.

CIV

Entro na pista de Le Mans e rodo até à primeira curva.
Travo, derrapo e o meu monolugar bate nos fardos de palha.
As rodas de trás ainda estão a andar mais que as da frente.
Desacelero e atiro fora o cigarro.
Quando dou por mim estou sentado no meu carro de domingo.
O sonho acabou.

CV

Canta canção,
Hoje o brilho das estrelas e dos outros astros apagou-se.
Não podem competir com a tua face iluminada
Também é verdade
que tinha os estores corridos e as janelas fechadas
Para que, furtiva, só tu pudesses entrar

CVI

Parei o meu tormento
Ele resulta do movimento
regular e previsível dos outros astros
Tantas palavras
Para só os silêncios valerem a pena.
Também é assim no firmamento.
Movimentos
transformam-se no começo do mundo
E gritos de paixão,
Em estrelas por dizer.

CVII

Começas a explicar-me

A mim dizes todas as banalidades que se devem dizer

para além do repetido oráculo de Delfos

E da vazia frase da Sibila.

Quanta specias, cerebrum non habit.

CVIII

Amar-te foi singular

Porque para mim amar é plural.

Sedução é um caso agudo

Paixão, um caso pessoal

Casar é plural.

Amor verdadeiro é singular.

CIX

Estou muito grato. Amabilíssimo, sim. Reservado, é certo.

É verdade,

Sinto-me como um cadáver.

CX

Entretenho-me à noite

a ver os relâmpagos à minha volta

São seis de uma vez

com o seu estrondo e os seus clarões

enquanto as queimadas, lá em baixo,

choram a morte das plantas secas e inúteis.

Entrego com amor a minha espada
Mas ela devolve-ma com um senso comum
Dizendo um bom-dia
ditado por uma voz com malícia juvenil.
Ela quer que eu guarde o meu tempo já passado
Da árvore que julga morta, só quer a trave
Não o verde frondoso, o vigor e a sombra
Que cresce com o declinar do dia.
De Outono nasce Inverno.

No mapa em relevo do teu corpo eu inscrevo
as descidas vertiginosas da minha imaginação
Um vento alado faz tremer as folhas das árvores
E um rio sereno
cobre um áspero leito sem ondas para logo se despenhar
numa vertiginosa e cristalina cascata final.

A lembrança de não ter sido
é como ferro corroído, da âncora no fundo do mar
Pura ferrugem, sem embarcação para amarrar
Quadro negro
onde não se inscrevem
As mil cores do nosso amor
Em vão.

Não atendo o telefone.
Assim a distância entre nós
Torna-se mais longa e contínua.
Só o acumulado amor distante exaure o nosso sentir.
Mas não os nossos corpos
Sem o suor do trabalho cumprido

Lanço-me no vazio
E após uma queda brutal
Sinto o tremendo abraço do meu pára-quadras
Assim, agarrado por ele, aterro suavemente
Na relva macia do teu jardim privado
Delicado leito vivo onde Eros brinca.
O nosso amor caminha, alvejado pelas suas setas
E assim envelhece como é tradicional.

Agora cardos e espinhos
Protegem as flores que nós colhemos
São as setas com que, cansados da nossa paixão,
Ferimos Eros para finalmente podermos descansar
Até de nós próprios.
Do chão molhado
Nasce perfume de relva cortada
E assim terreno
Amor renasce

Vou para chat contigo numa sala de Internet
É klaro ke te kero
Sem o empecilho de electrónicas nuvens
A kobrir o teu korpo.

CANÇÕES PARA A MORTE

Condenaram-me à morte
O que para mim é bom
Para eles é mau
Vão executar-me de madrugada
Nem mais um dia completo
Só horas ou minutos
Talvez só segundos restem

Não, não é dor
É uma bala certa
Que entra no meu corpo
E acerta no lugar
Onde residia o meu sonho
Que já não era

Não vale assim
Estou condenado
A ter que te ter
Para sempre
Sem o saber

Só beleza não persiste
do mal e da usura
A marca do tempo
Sim

Dizemo-nos adeus
Quando falamos e nos amamos
E não sabemos
Nada é o nosso destino

Porque penso tanto na morte?
Afinal é de noite
Portanto o Sol brilha noutra lugar.
É só como um jet-lag que me persegue.
Um depois de mim próprio
Que é um outro,
Do meu viver já inútil.

Hoje arderam todas as árvores
Dos jardins do cemitério do Alto de S. João
Não foram precisos bombeiros
Porque só havia seis árvores
E hoje é sábado.
Poderiam ter deixado as árvores arder
Em número igual ou superior
Aos mortos do cemitério dos Prazeres.
Morto a morto
a morte cumpre o seu dever.

Porquê perguntar o quê
Porquê o porquê e porquê
Se o inexorável destino
Nos arrasta para a morte
Onde destruídos seremos.
Sem razão.
As leis estão decretadas.
Só nos resta cumpri-las
com a serenidade de quem não ama
e, por vazio
foi morto antes de morrer.

Aproxima-se a minha morte.
Será hoje ou amanhã
Eu pressinto-a
Na tranquilidade que me invade.

Hoje ou amanhã
Será nada para mim
Mas já o era antes.
Terei já morrido sem o saber e a morte
Sido uma representação teatral duma farsa
que nos foi inventada?

Será tudo
Ou não sendo
Será noite ou madrugada.
A princesa de Cléves
Não faltará ao encontro
Que nós marcámos.
O destino inevitável
Nos aproxima do princípio
Portanto
do fim do nosso amor.

Terrível notícia
A minha liberdade está de novo em causa
Vai voltar!
Doido não, mas na dúvida.
É dentro de ti
Que me vou esconder de ti
Aqui vou encontrar-me
Porque o teu amor está virado para fora
Dentro de ti só me restas tu
Penso em ti para sempre
Desculpa-me por um instante.

Consigno não me irritar
quando me empurram
no passeio da rua Garrett.
É estranho
mas não vejo nenhuma mulher
bem vestida ou elegante.
Deve ser a minha difícil visão

Reconfortando-me do teu encosto
Eu sinto agora
o teu corpo delgado e torneado
os teus seios e as tuas coxas
a beleza sem igual do teu abraço
e sei que nunca serás minha.

Vejo-te com óculos de não te ver
Por isso, ainda talvez te ame
Por não te saber

Por sob a morte
Perpassa um célere desfazer
Um furioso não ser do ser.
O que era sonho se transforma
Em verme inútil
Nada na minha memória.
E seres mais simples
Entram na cadeia do DNA.
A sem esperança é coisa viva.
Usa o teu corpo
Para construir a tua sem memória
Única que resta
Numa devastadora queimada de Outono
Geadas negras sobras cinzentas
Das tuas cinzas
Doce torso de mulher
Sob as minhas mãos geladas
Agora morto
Não contigo no sim de ontem

Exterior a mim mesmo
Vagueio entre os vivos
Torno-me árvore, rio e onda do mar.
Nada é amar.
Despojado de todo o peso
Atravesso noutra dimensão
Incólume, reúno-me a mim mesmo
Mas noutra dimensão
Os meus inimigos
São a memória viva que resta
Os meus adversários
A memória viva
Das viagens que nunca fiz

O ministro foi julgado
A sentença unânime dos juízes foi: culpado.
Por indigno de morrer
Foi condenado à vida.
Que o sangue do ministro
Nunca branqueie a sua culpa.

A ultrapassagem falhou.
Estou de frente para o camião
Que roda contra mim na sua faixa.
Tento desviar-me para a valeta
Com um enorme estrondo
entro no túnel negro e sufocante
donde nunca mais sairei.

Ponho o meu cinturão de explosivos
O meu blusão oculta as granadas na sacola
O dinamite espera
O momento de explodir-me está a chegar.
Para quê continuar
Na minha vida vivível
Agora sou uma bomba humana
Que vai chegar ao alvo desejado.
Terrorismo? Não.
Apenas uma guerra planeada.
Carrego no detonador ainda silencioso
O meu ser é a tua morte
É o teu não ser, por não te sabe

BAGATELAS

A lua é um sol menos brilhante
Mas a sua luz é negra
Taparam-na.

Até mim!
Quando?

Estou farto de mim
E não posso dormir
Sem repensar no passado
Cheio de promessas

É estranho
Mas no desenho da tua saia
Eu sinto ternura

Ria-se contente
Pensando que a amava
Mas não...
Era linda.

Não cheguei seguro
De começar o dia.
Está a amanhecer
O negro é total

Essa agora? Disse ela
Quando o viu com outra

Vem namorar comigo, disse ele
E ela veio
Foi assim que começou a eternidade

Sim. Não.
Assim melhor
Talvez porque.

O meu corpo ordenou-te
Eu não.

Era só o que me faltava, disseram
Steve Reich e Philip Glas
Repetindo-se de forma interminável.

Tão pequeno e já computas?
Perguntou o desktop ao portátil.

Para quê não me lembrar?

Hoje o país está encerrado
Não são admitidos habitantes

Chegou o Inverno
Já é Verão
E mesmo Outono...

Hoje ganhámos por um a um.

Levanto-me de manhã e penso em ti
Como um sonho acordado
pela crueldade do teu riso vulgar
onde nascem flores exóticas que eu te ofereço
para que as guardes entre os teus seios
sem ternura.

À escura luz do sol brilhante, corro
Porque estou apressado que deixes que more
No moreno da pele do teu corpo.

Ruim me deras não tu
Memória
assim pudesse criar-te para mim
sonhar de novo
sem a enfadonha lembrança de ti
Ou por fidelidade zero
à tua traição doméstica.

Telefone-te e tu não atendes
Mas a campainha anunciou o nosso amor.

A alma que uso não é a minha.
Esta foi-me dada quando nasci,
Não fui eu que a escolhi.

Como foi?
Como? Foi.
Foi como
Como foi como
Como foi, como foi.

Hoje ganhámos por um a um.

Damor, o hábito

Não fervor.

Não é o hábito que faz o monge

É o hábito que faz o monge.

Com que então

Disse para os surpreender

E mudei de então

Entrevi-te-me comigo

Agora é então

Primeiro o hábito

Depois o amor

Se não está no processo

não é culpado.

Se não foste tu, foi o teu tio,

E comeu-a.

O céu azul
Nem nuvens cinzentas.

Bons sentimentos
É deixarem-me só.

Nada é meu
Amo-te.

Verde campo onde ondulam
Papoilas verdes de paixão.

Aqui, hoje, espero
Hoje é ontem
É nunca.

Hoje os jornais eram papel sem letras
Fui ao concerto para afinar os ouvidos

Não vou votar PC. Não vou votar PS.
Assim não vou votar. Assim não vou.
Assim não. Assim.

Agora não, estamos sós
disse a noiva
E vestiu-se

A floresta húmida e sombria
cresce vigorosa ao lado da savana seca.
Os grandes felinos que nada têm a temer
preferem a savana
Os macacos, os pequenos javalis, bem como
as hienas, os chacais e as panteras
preferem as sombras da floresta.
Na minha casa eu crio galinhas
São elas que nos defendem
das cobras que batem à porta

Aqui
a roupa de algodão é uma segunda pele
Só serve para marcar a classe social
alguma distância e mentira
Não há leite nem escolas
As picadelas espalham o paludismo
E das mãos nasce a cólera.